

São Paulo, 14 de outubro de 2013

O quão consciente estamos com o consumo consciente?

Por Alexandre Yokote

Vou falar de amanhã dia 15 de outubro, mas independentemente do dia em que você ler este artigo, pense no ontem, hoje e amanhã. Dia 15 não é apenas o tradicional dias dos professores, mas também é o dia do Consumo Consciente, se bem que vamos dissertar sobre o papel dos educadores (os professores das escolas e os professores da vida) no nosso poder de decisão e influência nas atividades de consumo pelo bem estar.

Conforme o Ministério do Meio Ambiente (MMA) em 2009, o dia 15 de outubro foi instituído como Dia do Consumo Consciente para despertar a consciência do público para os problemas sociais, econômicos, ambientais e políticos causados pelos padrões de produção e consumo excessivo.

O consumo consciente depende de alguns fatores, mas destacamos o conhecimento sobre os aspectos sociais e ambientais, capacidade financeira de consumo, valoração dos aspectos diferenciados e vontade.

Somos bombardeados por novos produtos como parte de uma ação de obsolescências planejada e percebida. Compramos sem saber o porquê e sem ter a real necessidade. Por mais que as rotulagens ambientais e declarações ambientais, inclusive as normas ISO da série 14020, não sejam coisas novas, há uma grande falta de transparência e prestação de contas à sociedade sobre os aspectos ambientais e sociais associados aos produtos. De um lado até por causa da falta dos conhecimentos técnicos, principalmente aqueles associados à origem das matérias primas, ou seja, a falta de informação declarada ainda não é algo 100% intencional, mas por outro lado, na verdade em paralelo, temos o próprio problema dos consumidores em ter o conhecimento técnico para interpretar as informações declaradas. Portanto há ainda uma necessidade em conscientizar, educar e capacitar tanto consumidores, quanto produtores.

Produtores estão se movendo em função de concorrência, busca de oportunidades e pela própria ameaça de consumidores ao ter os seus produtos desqualificados pelos novos critérios. A ameaça cresce na medida em que nós consumidores aprendemos mais sobre o nosso bem estar e nos mobilizamos frente ao mercado. Mas a questão problemática sempre é definir e predizer “o que é bem estar?”, inicialmente temos que ter em mente que não é sinônimo de consumo, bem estar é ter uma qualidade de vida adequada que por sua vez é dinâmica. É estar em harmonia com sociedade e o planeta, mas não é satisfazer vontades. De qualquer forma, você precisa desenvolver sua própria definição de qualidade de vida e bem estar, mas lembre-se sempre do termo “desenvolvimento sustentável” no atendimento de suas necessidades.

Na questão dos produtos verdes, ainda temos alguns setores em que as alternativas melhores ambientalmente são mais custosas, mas outros já são similares nas prateleiras. Quando começarmos a entender os custos indiretos, principalmente à nossa saúde e à do planeta, veremos que vale a pena o investimento na compra sustentável. Por experiência própria vivenciada, para parte significativa da sociedade, quando crianças as novas gerações estão sendo educadas na sustentabilidade, mas na adolescência parece que isso perde valor, aos 20 quando há escassez de dinheiro isso desaparece e só volta quando entramos num patamar econômico de independência.

Isso ainda poderia ser explicado pela pirâmide de Maslow!

Vale lembrar que hoje cada vez mais se expande e reforça-se a cobrança pela gestão de uma cadeia de suprimentos sustentável, mas é importante que os avaliadores entendam a realidade de cada região e não exijam mudanças abruptas. Para se ter uma idéia, para o DJSI, valora-se muito no pilar ambiental que as empresas busquem uma matriz energética mais verde, apesar de muitos países como o Brasil já terem uma matriz relativamente melhor e portanto a curva de melhoria é menor que de outros países com matriz mais sujas. Desde meados de 2012 estamos sofrendo com a queda da geração hidrelétrica e a compra no mercado livre está “inflacionada”.

Mas sim isso não é desculpa, as empresas precisam reduzir sua dependência ao Sistema Interligado Nacional (SIN), entender que a compra de energia limpa e a microgeração e minigeração distribuída são investimentos com bom potencial de ganho. Outro ponto destacado ambiental é a valoração dada ao consumo de papel de origem com branqueamento totalmente sem cloro (TCF), uma realidade padrão para Europa, mas longe da realidade nacional e dos EUA, e ainda não há um consenso sobre a melhor alternativa para o meio ambiente entre TCF e ECF.

Sem enrolar mais, lembre que consumo consciente não é apenas para um dia, incorpore na vida.

Nós estamos fazendo um pouco. Optamos por ter apenas computadores portáteis e com discos sólidos ou híbridos. Temos áreas comuns e de trabalho iluminadas com LED e aproveitamento de ventilação natural. Diretriz de redução de impressão e uso de papel com pegada de carbono compensada, incentivo a teleconferência e priorização de equipamentos aderentes a RoHS. Usamos acessórios ergonômicos em trabalho, mas principalmente ajudamos a lecionar e difundir sustentabilidade no mercado, aos clientes e nas Universidades.